

Ultraschall 2013: O Festival de Música Nova em Berlim (Resenha)

Gustavo Alfaix¹

Resumo: Dentre os festivais de música erudita contemporânea que acontecem pelo mundo, o *Ultraschall* – que acontece anualmente em Berlim – mostra-se como uma das plataformas de afirmação mais disputadas pelos novos compositores, ao mesmo tempo em que dá espaço para uma sustentação do repertório já consagrado desse gênero musical.

Palavras-chave: Festival de Música, Música Contemporânea, Berlim.

Abstract: Among the new music festivals that take place around the world, Ultraschall - held annually in Berlin - shows itself as one of the most disputed scenes for emerging composers, at the same time that it gives space for the already established repertoire from this musical genre.

Keywords: Music Festival, Contemporary Music, Berlin.

¹ Gustavo Alfaix possui mestrado (2008) em Musicologia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) e graduação (2005) em Composição Musical pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É autor do livro "Em busca do som: A música de Karlheinz Stockhausen nos anos 1950" publicado pela Editora UNESP. Atualmente é doutorando no programa de musicologia da Georg-August-Universität em Göttingen, na Alemanha. Contato: gustavoalfaix@gmail.com

O inverno rigoroso do mês de Janeiro em Berlim foi acalentado, mais uma vez, pelas sonoridades e diversidade expressiva da música de vanguarda mundial. Completando seus 15 anos de existência, o festival *Ultraschall* (Ultra-som, em alemão) teve seu encerramento no último 27 de Janeiro de 2013. Sob a regência do renomado maestro holandês Lucas Vis, a Orquestra Sinfônica Alemã apresentou-se na sala de concerto da Rádio Berlim-Brandemburgo, que se encontrava totalmente tomada com a presença de um público interessado.

A noite trouxe como destaque a peça orquestral *Die Leier drehen* (A lira girando) de Georg Katzer (1935), um dos pioneiros da música eletrônica na DDR, antiga Alemanha Oriental. A obra é uma espécie de comentário ou resposta musical ao livro “O fim da história e do último homem”, publicado em 1992 pelo sociólogo americano Francis Fukuyama. Trata-se de uma menção crítico-metafórica do mundo pós-guerra fria.

Celebrando um universo diametralmente oposto à esse foi que a compositora sul-coreana Younghi Pagh-Paan (1945) apresentou seu concerto duplo para violino, viola e pequena orquestra intitulado *Der Glanz des Lichts* (O brilho da luz). Pagh-Paan aproxima o misticismo de uma Teresa de Ávila com o de Edith Stein. Essa última abandonou seus trabalhos de pesquisa no campo da fenomenologia para se converter definitivamente ao catolicismo.

“Eu me propus a seguinte questão: o que vem a ser a luz?” conta a compositora, sob o ponto de vista de uma busca íntima de sua profundidade religiosa. “E luz não é apenas a luz brilhante ou clara, pois há luz mesmo no mais escuro das sombras. São essas as nuances com que procuro trabalhar na minha música”.²

A VANGUARDA RESISTE Aqueles que não crêem haver mais espaço para composição e apresentação de música nova, podem se surpreender ao tomar conhecimento de que no decorrer de 10 dias, em 19 concertos, foram realizadas durante o último *Ultraschall* mais de 80 obras de diversos compositores. Todos eles, sem exceção, representantes da música erudita produzida no século 20 e 21.

Em um evento dedicado apenas e tão somente à música de vanguarda é a qualidade e o profissionalismo das apresentações que chama ainda mais a atenção. O público familiarizado com os nomes sabe bem julgar o peso da presença dos *Ensemble Modern*, *Neue Vocalsolisten*, *Ensemble Recherche*, *Kammerensemble Neue Musik Berlin*, *Ensemble 2e2m*, *Arditti Quartet*, cujas trajetórias se misturam com a própria história da música na segunda metade do século XX.

O festival também deu lugar para grupos emergentes de destaque tais como *Ensemble Interface*, *Ensemble Linea*, *Quatour Diotima*, *Ensemble Mosaik*, *Trio Catch*, *Lithuanian Ensemble Network*, para não mencionarmos uma dezena de intérpretes já consagrados e outros ainda no início de suas carreiras.

² PAGH-PAAN, Younghi. 213. Konzert Musik der Gegenwart: Aus dem Dunkel geboren. In: *Ultraschall – Das Festival für neue Musik 2013*. Saarbrücken, Pfau Verlag, ISBN 978-3-89727-491-4; Pag. 132.

Mas se a Alemanha já possui tantos festivais do gênero – e talvez seja mesmo o único país no mundo no qual verdadeiramente um mercado para a música erudita feita agora existe –, o que diferencia o *Ultraschall* dos demais?

O festival surgiu e se mantém até hoje como uma colaboração entre duas grandes rádios estatais sediadas em Berlim, a Rádio Berlim-Brandemburgo (rbb) e a Rádio Alemã de Cultura (DKultur). A origem de ambas as instituições se confunde com a agitada história da cidade. Com a queda do muro em 1989, Berlim se viu diante de uma situação, no mínimo, inusitada. Toda sorte de instituições e departamentos existiam agora duplicados. No processo de reunificação do país, chegou-se ao absurdo de, nessa altura, existirem dois exércitos, e a logística burocrática para resolver tais dilemas foi certamente tremenda.

A rbb veio da fusão entre parte da antiga Rádio da DDR com a Rádio Livre de Berlim, sucursal do *Das Erste* (O Primeiro, em alemão) na parte ocidental da cidade. Já a Rádio Alemã de Cultura, de lastro mais nacional, foi uma mistura de outra parte da Rádio da DDR com a célebre RIAS, a Rádio no Setor Americano de Berlim.

“O *Ultraschall*”, conta Rainer Pöllmann, um dos idealizadores originais do evento e produtor do lado da Rádio Alemã de Cultura, “é ainda de fato o único festival, no âmbito das radiodifusoras regulamentadas pela lei de políticas públicas, que é organizado conjuntamente por duas distintas emissoras, com programação autônomas. Hoje, podemos dizer que nos tornamos um dos mais importantes festivais de música nova, dentro e fora da Alemanha. E por isso, é claro, somos naturalmente um dos mais cobiçados fóruns para os jovens compositores.”³

FRANÇA-ALEMANHA Em sua 15ª edição, o *Ultraschall* teve pela primeira vez um de seus enfoques associado à questões políticas. O Tratado do Eliseu comemora seu aniversário de 50 anos de existência precisamente em 2013. Esse acordo que firma a amizade entre França e Alemanha foi assinado em 22 de Janeiro de 1963 pelos seus então respectivos líderes Charles de Gaulle e Konrad Adenauer no *Palais de l'Élysée*, escritório e domicílio da presidência da República francesa em Paris.

Em um concerto de gala no Teatro do Povo, com a presença solene dos ministros da cultura de ambos os países, foi dado início às comemorações oficiais desse marco na política franco-alemã, visto como um dos motores da fundação da atual União Europeia. O sexteto vocal *Menschen, Hört* (Humanidade, escute) extraído de uma cena da ópera Quarta-Feira de Luz de Karlheinz Stockhausen fez a abertura do evento. Caminhando em volta do público, os cantores – representantes políticos de diferentes comarcas da galáxia – são mandados de volta para suas regiões de origem após uma

³ PÖLLMANN, Rainer. *Eine Ambivalenz von gegenseitiger Faszination*. Entrevista com Joachim Scholl realizada e veiculada na Deutschlandradio Kultur em 17 de Janeiro de 2013. Transcrição acessada em 17.12.2013, disponível no link: http://www.deutschlandradiokultur.de/eine-ambivalenz-von-gegenseitiger-faszination.954.de.html?dram:article_id=234572

conferência interestelar. Cada um deles traz consigo um globo em suas mãos e clamam pela cura do mal no mundo, abandonando o teatro pelas portas laterais e espalhando a mensagem aos mais longínquos rincões do espaço.

O destaque da noite foi a estreia da obra do compositor francês Fabien Lévy (1968) especialmente encomendada para a ocasião. *Après tout* (Apesar/depois de tudo, em francês) para seis cantores e ensemble de instrumentistas se apresenta como uma investigação da dimensão moral que envolve o drama daquele que pede desculpas e daquele que perdoa. A obra é permeada por textos de nomes como o filósofo de ascendência russo-judaica Vladimir Jankélévitch, o autor francês absurdistas Albert Camus, a sobrevivente do holocausto Eva Kor, Derrida, Nietzsche dentre outros.

“Como viver depois de tudo isso”, questiona o compositor, “se você é o filho da vítima ou o filho do carrasco? Alguém poderia desejar, depois de tudo, pedir perdão? E em nome de quem? E para quem? Alguém poderia permitir-se, apesar de tudo, perdoar, ou de outra forma nunca perdoar? E para quem? E em nome de quem?”⁴

A música francesa foi o ponto crucial para o festival deste ano. E o merecido acento veio para Christoph Bertrand (1981-2010). A originalidade de uma obra independente e personalista é a marca desse jovem compositor que, lamentavelmente, não pôde dar continuidade ao desenvolvimento de suas propostas estéticas consideradas tão promissoras. *Satka* (2008) para ensemble, não abusa dos clichês da complexidade nem do ruidismo, pelo contrário, jogando com elementos confortáveis e quase previsíveis, dá vazão à cascatas de um colorido sonoro nunca antes imaginado.

“O compositor alsaciano Christoph Bertrand, que morreu com apenas 29 anos de idade em 2010”, conta Pöllmann, “era considerado como uma das maiores esperanças da música nova na França. A obra que ele levantou em seus poucos anos de vida mostra de fato um compositor altamente original, quase dotado de um desejo existencial para a expressão.”⁵

Os concertos do dia 20 de Janeiro no Teatro da Universidade das Artes de Berlim uniu, pela primeira vez, os esforços de dois dos maiores baluartes da produção de música eletroacústica na atualidade, o Estúdio Experimental da SWR de Freiburg e o IRCAM de Paris. O *Arditti Quartet* foi quem assinou a estreia de *La Quintina* – fruto dessa cooperação – de autoria do compositor americano Joshua Fineberg (1969). Foi também de certo interesse, neste mesmo concerto, as esculturas sonoras de *Flecht* (Aleta, em inglês), da compositora britânica Rebecca Saunders (1967).

BRASIL EM FOCO O compositor e violonista brasileiro radicado em Nova York, Arthur Kampela (1960), foi um dos artistas de destaque no festival *Ultraschall* de 2013. Através do *Berliner*

⁴ LÉVY, Fabien. Musique franco-allemande: Über das Verzeihen – 50 Jahre elysée-Vertrag. In: *Ultraschall – Das Festival für neue Musik 2013*. Saarbrücken, Pfau Verlag, ISBN 978-3-89727-491-4; Pag. 70.

⁵ PÖLLMANN, Rainer. 19. Januar · 17:00 St. Elisabeth-Kirche, Berlin-Mitte. In: *Ultraschall – Das Festival für neue Musik 2013*. Saarbrücken, Pfau Verlag, ISBN 978-3-89727-491-4; Pag. 37.

Künstlerprogramm do DAAD, que trouxe o compositor à Berlim durante o ano de 2012/13, Kampela entrou para a seleta lista de nomes como os de Cláudio Santoro, Marlos Nobre e Hermeto Pascoal, seus antecessores em um dos programas de residência artística mais célebres em toda a Europa.

Além de ter seus maiores feitos na música de ensemble mais uma vez realizados em concerto – as obras *Antropofagia* (2005) e ... *B ...* (2012) –, Kampela mostrou a irreverência de sua música popular de crossover e defendeu soberbamente seu experimentalismo instrumental solo subversivo, que conquista exponencialmente interesse em território alemão.

“Kampela é uma mistura”, conta Pöllmann, “um composto extremamente interessante, uma mescla de diversas influências. Enquanto brasileiro, ele cresceu – digamos que, naturalmente – num contexto de bossa nova e de samba de raiz. Como compositor, ele é um artista que escreve obras extremamente complexas, e ambas as coisas aparecem nele juntas de uma maneira admirável e encantadora.”⁶

⁶ PÖLLMANN, Rainer. *Eine Ambivalenz von gegenseitiger Faszination*. Entrevista com Joachim Scholl realizada e veiculada na Deutschlandradio Kultur em 17 de Janeiro de 2013.